

**MARISA SANTOS NEPOMUCENO**



**O ENSINO DE ARTE SENSORIAL/RELACIONAL – UMA ABORDAGEM NO AEE  
(ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO) NA ESCOLA ESTADUAL  
MESTRE ZECA AMÂNCIO**

ITABIRA

2013

MARISA SANTOS NEPOMUCENO

**ENSINO DE ARTE SENSORIAL/RELACIONAL – UMA ABORDAGEM NO AEE  
(ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO) NA ESCOLA ESTADUAL  
MESTRE ZECA AMÂNCIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Kleumanery de Melo  
Barbosa

ITABIRA

2013

**MARISA SANTOS NEPOMUCENO**

**ENSINO DE ARTE SENSORIAL/RELACIONAL – UMA ABORDAGEM NO AEE  
(ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO) NA ESCOLA ESTADUAL  
MESTRE ZECA AMÂNCIO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

---

Orientador (a): Kleumanery de Melo Barbosa - EBA/UFMG

---

Membro da Banca – Origem

---

Membro da Banca – Origem

ITABIRA

2013

## RESUMO

Este trabalho em questão se refere a uma reflexão sobre a inserção das artes visuais no AEE (Atendimento Educacional Especializado) com foco nas artes sensoriais. Tem por objetivo principal apresentar uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem no AEE através da análise da metodologia utilizada no desenvolvimento sensorial, empregada na sala de recursos e seus possíveis desdobramentos. Dessa forma, urge uma reflexão em um universo onde a inclusão e arte estão intrinsecamente ligadas, já que a arte é um dos principais pilares da educação especial e, assim, ambas gritam por socorro. Nesse sentido, questiona-se como incorporar essa disciplina como forma de aprendizagem. Este trabalho trata-se das informações coletadas na pesquisa bibliográfica sobre o tema em foco, com base na consulta em obras de cunho científico, com ênfase em aspectos que envolvem a história do ensino da arte na escola e a relação arte-educação. Também foram abordadas informações sobre os aspectos relacionados à Educação Especial e a Arte Sensorial/Relacional.

Palavras chave: Arte Sensorial/Relacional. Educação Especial. Aprendizagem

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Intervenção urbana Foto: Marisa Nepomuceno	27
Figura 2 - Confeção do tapete - colagem de materiais com texturas . Foto: Marisa Nepomuceno	29
Figura 3 - Montagem do tapete - Disposição das peças que compõem o mesmo para início das experiências sensoriais. Foto: Marisa Nepomuceno	29
Figura 4 – Experimentando - Andando de olhos vendados Foto: Marisa Nepomuceno	30
Figura 5- Experimentando - Andando em espiral Foto: Marisa Nepomuceno	30
Figura 6- Alunos enchendo as bolsas plásticas com material escolhido Foto: Marisa Nepomuceno	31
Figura 7 - Alunos experimentam o material “desenhando” com os dedos Foto: Marisa Nepomuceno	31
Figura 8 – Observando os efeitos Foto: Marisa Nepomuceno	31

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o 15  
Atendimento Educacional Especializado

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	07
1. A Arte na Educação/inclusão .....	09
1.1 Sobre o ensino de Arte/Novas concepções .....	10
1.2 Educação Especial .....	13
1.3 Arte Sensorial/Relacional .....	16
2. Arte sensorial como projeto e inclusão .....	18
2.1 Metodologia utilizadas como parâmetro.....	19
2.2 Fundamentos e Estratégias .....	22
3. Experiências significativas e Metodológicas .....	25
3.1 Ver para aprender .....	26
3.2 Construção dos objetos/participação dos alunos .....	28
3.3 Experienciando Arte .....	30
Análise de dados .....	32
Conclusão .....	33
Referências .....	34
Anexos.....	37

## INTRODUÇÃO

A escola é um lugar de aprendizagem, de conhecimentos, de posturas pedagógicas e de valores. É preciso investigar essas funções na construção da identidade da instituição escolar. O direito à educação de qualidade, garantido pelo direito ao saber e, especificamente, pelo direito de cidadania, pela constituição é, sem dúvida, um bem que dá possibilidades e oportunidades para o acesso ao conhecimento sistematizado de “todas as pessoas” para uma vida mais ampla.

As ideias de implantação da disciplina arte como componente curricular em escolas primárias e secundárias são do final do século XIX, e foram expressas por Rui Barbosa em seus projetos de reforma do ensino em 1882 e 1883.

Anteriormente, ainda no século XVII, existiam escolas de arte que eram conhecidas como “escolas de artífices,” que eram marcadas por ser ensino informal, que tinham como base exercícios repetitivos e pouco criativos que visavam à produção, não o ensino de forma científica. O ensino de arte sofreu profundas transformações durante os séculos XIX e XX e chegou à contemporaneidade com uma nova concepção, novos conceitos e mudanças significativas.

Assim, ao lado do ensino de arte e sua dificuldade de implantação, surge outra barreira que é a inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais. A educação especial também passou por mudanças significativas durante o século XX, que foram impulsionadas por reivindicações dos movimentos sociais, por mais igualdade entre todos os cidadãos. Estes movimentos motivaram a necessidade de se modificar as práticas educacionais ou de se criar um novo modelo de escolas mais inclusivas. Esse processo contínuo busca situar o deficiente com direitos e oportunidades em igualdade com outros cidadãos. Agora não basta integrar, é preciso incluir.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivos apresentar uma reflexão sobre o processo ensino-aprendizagem no AEE através da análise da metodologia utilizada



no desenvolvimento sensorial, empregada na sala de recurso; verificar e avaliar a percepção (sensação) dos alunos em relação à metodologia proposta; analisar as diversas possibilidades que esta metodologia poderá proporcionar para estes alunos e outros que vierem a utilizá-la.

## **1. A ARTE NA EDUCAÇÃO/INCLUSÃO**

O presente referencial teórico foi desenvolvido como suporte teórico para elaboração do trabalho, apresentando as informações coletadas na pesquisa bibliográfica sobre o tema em foco, com base na consulta em obras de cunho científico, com ênfase em aspectos que envolvem a história do ensino da arte na escola e a relação arte-educação. Também foram abordadas informações sobre os aspectos relacionados à Educação Especial e à Arte Sensorial/Relacional.

Dentre os principais autores utilizados como embasamento teórico neste trabalho, os mais utilizados são: (IANNI, 2001), (PUCETTI, 2005) e (BARBOSA, 2008), incluindo os artistas contemporâneos Lygia Clark, Hélio Oiticica, Ernesto Neto, entre outros.

Portanto, levando em consideração os autores citados acima e suas concepções teóricas sobre arte, nesta pesquisa trabalhou-se com o sentido de que a arte é uma das mais representativas e envolventes produções do homem, sendo inerente ao desenvolvimento da humanidade, representando genialidade, intelectualidade, técnica e lazer, comunicação e expressão, oferecendo, assim, conceitos ligados à visão de mundo e à expressão de humanidade.

### **1.1.Sobre o ensino de Arte/ novas concepções**

Sabe-se que a história do ensino da arte na escola não é recente. A arte-educação vem conquistando espaço e reconhecimento. Estimula a criatividade e a inventividade, possibilitando propostas relacionadas à arte e à vida, respeitando a diversidade.

No Brasil, Ana Mae Barbosa desenvolveu a Proposta Triangular para o ensino de arte que envolve três processos: o fazer, o apreciar e o contextualizar, não devendo

necessariamente ser seguido nesta ordem, mas que se tornem ações associadas para assimilação do universo da arte.

Ampliar o público que terá acesso a arte é um caminho que aponta para um futuro melhor quando se diz respeito ao papel da arte na sociedade e na vida dos indivíduos, e, sem dúvida, a ação educativa de outros públicos exerce uma função fundamental na participação e a garantia de acesso à cultura para todos.

A cultura passou a ser um fator determinante na escola nos anos 90, assim como a observação dos métodos de aprendizagem dos alunos, e suas estratégias individuais nos contextos socioeducativos, a variação de formas de assimilação de conhecimento, segundo os diferentes tipos de conteúdo (fatos, conceitos, princípios, procedimentos, valores e atitudes) articulados entre si nas situações de aprendizagem. (IAVELBERG, 2003).

O Estudo e o aprendizado de artes sensoriais constituem um novo parâmetro de inserção cultural, pois demonstram uma preocupação de estabelecer uma aprendizagem com experiências que apelam para os sentidos. Pesquisas revelam que aprendemos através dos sentidos, e os maiores percentuais apontam para a visão e a audição. De acordo com WITTCH E SHULLER (1964), "ouvir, ver, olhar e escutar são as formas básicas da aprendizagem". Mas, em se tratando de pessoas com Deficiência visual e/ou auditiva, precisamos pensar que sentir talvez seja o melhor caminho para a aprendizagem.

Sobre a arte como conhecimento, têm-se alguns relatos que destacam como sua principal característica a capacidade de encantamento que desperta nas pessoas.

A arte, a ciência e a filosofia podem ser vistas como formas de 'conhecimento' e ao mesmo tempo como formas de 'encantamento'. Tudo sobre o que se debruçam realidades ou imaginárias, fragmentos ou plenitudes do presente, do passado ou do futuro, adquirem outras e novas significações; esclarecem, obscurecem ou resplandecem. Cada uma, a seu modo, tanto clarifica meandros e situações, impasses e perspectivas ou modos de ser e fantasias, quanto aponta tendências, imagina possibilidades, inventa horizontes. Sim, as linguagens artísticas, científicas e filosóficas

podem ser vistas como narrativas de distintas modalidades e potencialidades, com as quais se elucidam, compreendem ou explicam situações e eventos, impasses e crises, transformações e retrocessos, desencontros e tendências, possibilidades e impossibilidades envolvendo indivíduos e coletividades, povos e nações, culturas e civilizações (IANNI, 2001, p. 12).

Existem também os aspectos inerentes à necessidade do ser humano em se expressar, como se verifica no excerto abaixo.

O Movimento de Arte para a Recuperação Social vem demonstrando a necessidade da Arte para todos os seres humanos, por mais desumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém. Basta que o cérebro funcione, basta não estar em estado de coma para ser possível estabelecer alguma ligação com a Arte ou através dela. Assim sendo, o ensino da arte, no contexto da inclusão, apresenta possibilidades para que todos os alunos vivenciem diferentes expressões, que contribuirão na construção do conhecimento. (BARBOSA, 2008, p. 01).

Há na arte, como forma de despertar o encantamento e a possibilidade de expressão, um dos meios que favorecem a educação voltada para pessoas com necessidades especiais, uma nova forma de interação com o meio em que vivem.

[...] A arte propicia a interação dos deficientes, integrando-os num processo de desenvolvimento por meio do fazer, sem levar em conta os aspectos patológicos ou orgânicos. Não enfatizando os déficits, as deficiências, mas as capacidades e possibilidades reais num processo mental e sensível de compreensão, abstração, planejamento, elaboração, relações e associações, que resulta na produção e criação artística. A produção artística deve ser considerada sob a perspectiva da diversidade, propiciando a inclusão social, compreendida como abandono, paradigma da igualdade e da transformação da diversidade em singularidade, de ruptura com a hierarquia, com a classificação segregacionista dos níveis cognitivos e demais deficiências, que busca não o tratamento especial, mas o singular e criativo. Nesse sentido, representam a possibilidade ilimitada de percepções do mundo e podem fugir ao sistemático, ao convencional, ao normal, ao modelo instituído, pois o que faz a diferença é o olhar que se tem para a diversidade. (PUCETTI, 2005, p. 02).

Sendo assim, pode-se perceber que a capacidade ou incapacidade do deficiente é subjetiva e os entraves maiores da sua vida não são os seus déficits e sim o olhar que está voltado para ele no momento.

Para ilustrar de como pode fazer diferença o olhar que depositamos sobre uma criança, observa-se o poema:

*- Atenção peço, senhores para esta breve leitura: somos ciganas do Egito, lemos a sorte futura. Vou dizer todas as coisas que desde já posso ver na vida desse menino acabado de nascer: aprenderá engatinhar por aí, com aratus, aprenderá a caminhar na lama, com goiamuns, e a correr o ensinarão anfíbios caranguejos, pelo que será anfíbio como a gente daqui mesmo. Cedo aprenderá a caçar: primeiro com as galinhas que é catando pelo chão tudo que cheira comida. Depois aprenderá com outras espécies de bichos: com os porcos nos monturos, com os cachorros no lixo. Vejo-o, uns anos mais tarde, na ilha do Maruim, vestido, negro de lama, voltar de pescar siris; e vejo-o, ainda maior, pelo imenso lamarão fazendo dos dedos iscas para pescar camarão.*

*- Atenção peço, senhores, também para minha leitura: também venho dos Egíptos, vou completar a figura. Outras coisas que estou vendo é necessário que eu diga: não ficará a pescar de jereré toda a vida. Minha amiga se esqueceu de dizer todas as linhas; não pensem que a vida dele há de ser sempre daninha. Enxergo daqui a planura que é a vida do homem de ofício, bem mais sadia que os mangues, tenham embora precipícios. Não o vejo dentro dos mangues, vejo-o dentro de uma fabrica. Se está negro não é de lama, é graxa da sua máquina, coisa mais limpa que a lama do pescador de maré que vemos aqui, vestido de lama da cara ao pé. E mais: para que não pensem que em sua vida tudo é triste, vejo coisa que só o trabalho talvez até lhe conquiste: que é mudar-se destes mangues daqui do Capibaribe para um mocambo melhor nos mangues do Beberibe.*

(MELO NETO 1994, P.56).

Pode-se ilustrar a realidade de como será o desenvolvimento da identidade dessa criança através das alternativas que as ciganas do trecho poético acima apresentam, baseando-se na cultura onde está inserida e se a mesma for membro atuante desta cultura.

A respeito disso, pode-se dizer com que desafios à criança “diferente” se depara. Esse processo começa desde o seu nascimento, como apresentam alguns estudos, a partir do luto pela perda da criança perfeita, idealizada pelos pais (SILVA, 1990).

Questiona-se como essas crianças poderiam desenvolver sua identidade se em muitas situações as concepções sociais impedem o seu desenvolvimento.

A arte representa um diálogo possível, pois parte de um princípio singular para uma coletividade, valorizando a diversidade, os múltiplos olhares e sensibilizações como elementos enriquecedores do desenvolvimento pessoal, social e humano.

## **1.2. Educação Especial**

Agora não basta integrar, é preciso incluir. Integrar é uma forma condicional de inserção que depende do aluno, da sua capacidade de adaptação às opções oferecidas a ele através do sistema escolar, seja em uma sala da escola regular, instituições especializadas ou uma classe especial; muda-se o aluno e não a escola. A inclusão institui a inserção de forma incondicional, sua meta é não deixar ninguém fora do sistema escolar levando em consideração as particularidades de todos os alunos. Neste modelo, mudam-se as escolas e não os alunos. Não basta colocar o aluno com necessidades educativas especiais na escola comum, é necessário oportunizar para que ele se sinta parte integrante da escola e participe de todas as atividades propostas, mesmo que de forma adaptada.

A Política Nacional de Educação Especial no contexto da Educação Inclusiva define Educação Especial da seguinte forma:

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino aprendizagem comum no ensino regular. (BRASIL, 2008, p. 15).

A citação acima mostra alguns pontos que devem ser considerados, a saber: o primeiro deles é que a Educação Especial é uma modalidade e não um substitutivo do ensino, não devendo ser considerada uma forma de substituir o ensino regular, e sim complementar e ou/suplementar. Possibilitando assim, que o aluno frequente o ensino regular, seguindo o princípio da inclusão.

O segundo destaca a transversalidade da Educação Especial, quando ela atinge todos os níveis de ensino, da Educação Infantil passando pelo Ensino Fundamental e Médio, chegando ao Ensino Superior. Por fim, o destaque mais relevante é que a Educação Especial é a modalidade que realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Segundo a definição da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, o Atendimento Educacional Especializado:

Tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos. E de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas em sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. (BRASIL, 2008, p.15).

Considerando os princípios apresentados sobre o AEE, de que o mesmo se diferencia do ensino regular, atuando de forma complementar e/ou suplementar, uma vez que não se caracteriza como reforço escolar, apresenta-se mais um esclarecimento para melhor compreensão deste atendimento:

O Atendimento Educacional Especializado funciona nos moldes similares a outros cursos que complementam os conhecimentos adquiridos nos níveis de ensino básico e superior, como é o caso dos cursos de línguas, artes, informática e outros. Portanto, esse atendimento não substitui a escola comum para pessoas em idade de acesso obrigatório ao Ensino Fundamental (dos 7 aos 14 anos) e será preferencialmente oferecido nas escolas comuns do ensino regular. Diferente de outros cursos livres, o Atendimento Educacional Especializado é tão importante que é garantido na Constituição Federal (FÁVERO, 2007, p.27).

De acordo com as Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado – AEE na Educação Básica, o professor “deve ter formação inicial que o habilite para o exercício da docência e formação específica na educação especial, inicial ou continuada”. BRASIL (2008, p.4). As diretrizes também definem os tipos de alunos atendidos pela AEE na Educação Básica, conforme pode ver visto no quadro 1.

#### TABELA 1

Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado.

---

Alunos com deficiência: “aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Portanto, são os alunos com deficiência mental, deficiência física, surdez, deficiência auditiva, cegueira, baixa visão, surdo-cegueira ou deficiência múltipla.

---

Alunos com transtornos Globais do Desenvolvimento: “incluem-se nesta definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos em outra especificação.

---

Alunos com altas habilidades/superdotação: “aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotora, artes e criatividade

---

Fonte: BRASIL, 2011

### 1.3. Arte Sensorial/Relacional

A experiência com a arte muitas vezes se aproxima da vida, do cotidiano das pessoas, mesmo não estando elas conscientes deste encontro, desta aproximação com a obra de arte. Qualquer trabalho que se refere à arte e que faz com que o indivíduo de alguma forma estabeleça uma relação, proposital ou casual, pode



desencadear uma experiência com o sujeito se esta obra provoca uma transformação em sua rotina, se essa relação o fizer experimentar algo e o fizer refletir sobre o que aconteceu e o que provou.

Uma obra que emite cores, cheiros e sons, capazes de fazer com que uma pessoa mude o seu percurso desviando ou contornando objetos/pessoas que estão no seu caminho, certamente não passará despercebida. E se isto ocorrer, certamente o sujeito refletirá mesmo sendo esta reflexão a princípio inconsciente sobre o que ele viu, tocou, sentiu. Neste caso, algo lhe ocorreu, surgindo desta forma a experiência com a arte.

Partindo disso, Lygia Clark, Hélio Oiticica e Ernesto Neto foram os artistas que serviram de embasamento para essa experiência relacional/sensorial, pois propuseram uma relação entre a obra e o expectador.

Um importante aspecto da arte sensorial foi enfatizado por (MILLET, 1992) ao apresentar trabalhos da pintora, escultora Lygia Clark, que trata do aspecto corpo sensível, referindo-se ao desenvolvimento de novas maneiras de pensar a arte e levando a considerar fatores inerentes à sua significação, e consolidando as sensorialidades, cujas características estão presentes em processos, entre eles a experimentação.

O trabalho com artes sensoriais consiste na exploração livre e dirigida de espaços e objetos projetados para este fim, favorecendo a experiência de um ambiente transformável no momento presente, através de diferentes estímulos provenientes do contato com objetos dos mais diversos. (BAPTISTA, 2011, p. 1).

A memória é o meio que nos permite definir nossa transição pela vida, e algumas experiências guardadas pela memória são essenciais para a compreensão da relação que estabelecemos com as coisas do mundo. Do mesmo modo que as obras de arte assumem um caráter passageiro, a memória individual de cada observador é que poderá estar atuando como registro. Como a grande parte das obras refere-se à memória, que está vinculada ao sujeito como depositário dos fatos

e eventos, há a possibilidade de sua perda, pois, ocorrendo a perda daquele que contém a informação, o seu conteúdo está perdido para sempre (MILLET, 1997).

A respeito disso, é importante considerar que sentir é também uma forma de conhecimento. O modo como o corpo adapta-se ao espaço, como se relaciona com o mundo, faz parte do que Helio Oiticica buscava entender. Porém, esse tipo de conhecimento é lento por tomar sempre nova forma e só é possível aos que se dispõem a experimentar, sendo que não há meios de assimilá-lo sem vivenciar a própria experiência sensível. “A compreensão do mundo que os seres humanos constroem é bem diferente do fluxo de sensações que o mundo lhes apresenta”. (PINKER, 2008, p. 482).

A obra de Helio Oiticica subsistiu no aspecto que tinha como característica principal a identidade de seus trabalhos com a arte ambiental, buscando formas para a expressão de elementos que se desenvolvem num mundo estético, mundo-arte, perante o dia a dia do comportamento humano, não se condicionando a proposições abertas, não-condicionadas, a um único meio possível. (FRADE, 2006).

No capítulo seguinte, apresenta-se a metodologia empregada para o desenvolvimento da pesquisa, envolvendo os aspectos referentes ao tipo de pesquisa, sua estratégia, a definição do espaço amostral, assim como a forma de coleta e análise dos dados.

## 2. ARTE SENSORIAL COMO PROJETO E INCLUSÃO

É necessário que a aprendizagem seja significativa no ensino das artes visuais buscando atender à perspectiva do ser humano como um todo, como uma maneira apropriada de desenvolver a aquisição das habilidades associadas às artes. Sabe-se que a inclusão e a arte, apesar dos avanços e suas mudanças, andam em passos lentos para sua efetiva implantação na escola. Desperta preocupação, principalmente, se considerarmos que uma das funções principais da escola é garantir a formação de pessoas competentes em todas as suas dimensões cognitivas e expressivas, capazes de interagir com o mundo.

A arte Educadora Ana Mae Barbosa nos leva a compreender que, para ensinar arte, não basta ter habilidade. Pode-se dizer que se trata de partilhar e compartilhar experiências do fazer ou do ensinar pelo fato de que, para aprender, precisamos refletir, comparar e analisar. A função da pesquisa parte de questionamentos: Como se trabalham artes sensoriais com deficiente? E é através de pesquisas ou na produção de atividades com uma possibilidade de reflexão é que se vai avançando, compreendendo e melhorando em todos os aspectos aquilo que se refere ao ensino de Artes Visuais. Então se faz necessário pensar o fazer, ensinar, aprender a arte como uma ação processual.

Depois que ampliamos nossos conhecimentos, começamos a compreender a necessidade de estudos sistematizados sobre o tema. A pesquisa em e sobre o ensino de arte apresenta-se como de essencial importância na contemporaneidade. Visando compreender a troca interativa entre o sujeito e a obra, aparecem novos questionamentos: De que forma se dá a experiência sensorial e corporal na recepção da arte? O que pode caracterizar como marcante nesta experiência em termos de memória?

No decorrer do curso de Especialização do Ensino de Artes Visuais, foram proporcionadas oportunidades de observar que existem várias abordagens metodológicas e que, ao se construir uma metodologia, deve-se estar consciente do que se quer que o aluno aprenda efetivamente.

## 2.1 Metodologias utilizadas como parâmetro

Um projeto que serviu de estímulo foi o desenvolvido pela Museóloga e Arte educadora Amanda Tojal, idealizadora do projeto Acessibilidade para Deficientes Visuais em Visita aos Museus que contempla um público diferenciado, privado de desfrutar da complexidade de ofertas de aprendizagem que as pessoas não deficientes têm acesso. Neste projeto segue-se o critério da acessibilidade, e para estimular e ampliar o conhecimento e a apreciação da arte utilizando-se de todos os sentidos, para que isso ocorra são utilizados recursos de apoio multissensoriais como, reproduções em relevo, maquetes, extratos sonoros, poemas e textos investigativos, sendo estes últimos, disponibilizados em dupla leitura (tinta com letras ampliadas e Braille) para pessoas com deficiências visuais.

Segundo entrevista concedida à revista.udesc/arte inclusão, Amanda Fonseca Tojal relata que:

A inclusão é um processo sem retrocesso. Para mim ela é “uma faca de dois gumes”, isto é, pode ser muito boa como muito ruim. Muito se fala e se diz, mas na realidade estamos começando a vivenciá-la e aprendendo com ela. Sempre optei e continuo optando por uma inclusão denominada “Inclusão responsável”. Essa inclusão respeita, antes de tudo, o ser humano e suas diversidades. Sendo assim, a inclusão dentro da escola, e em qualquer área de conhecimento, só será realmente “inclusiva” se levar em consideração cada aluno, suas necessidades e especificidades, e, se a escola que o acolheu está trazendo benefícios reais para ele, ou se só está “fazendo de conta” que o está incluindo. Escola não é parque de diversões ou apenas um centro de convivência ou socialização. Ela é, antes de tudo, um espaço de formação, de aquisição de conhecimento e também de socialização. Acredito que cada aluno especial deverá encontrar o seu lugar especial - alguns poderão viver diretamente na inclusão, outros se prepararem para ela e outros necessitarão de escolas especiais abertas à comunidade.

Outro projeto que se pode citar é o “Ver para crer, tocar para ver”, desenvolvido por Ivana Dantas Rego e Nelson Silva Junior. Este trabalho consiste na análise da percepção das reações à primeira exposição de Artes Visuais, totalmente voltada para pessoas cegas, realizada na cidade de Ponta Grossa/PR. Nesse aspecto,

considera-se que a Arte, em especial a Arte Tátil, funciona como instrumento principal de inclusão social.

O trabalho foi desenvolvido a partir de orientações de uma pessoa cega e estudos sobre a percepção sensorial de texturas, associadas a cores. O grupo desenvolveu 12 obras com temas ligados à cultura local. Como resultado, verificou-se que a arte é um forte instrumento de inclusão social, capaz de disseminar valores e conscientizar o homem e a sociedade sobre a necessidade da adoção de atitudes e posturas mais significativas na busca da cidadania para grupos como o de cegos.

A partir da década de 50, Hélio Oiticica foi considerado um dos mais importantes artistas da época. Ao lado de Ligia Clark, Ferreira Gullar e Amílcar de Castro, teve grande representatividade no movimento neoconcretista. Oiticica aperfeiçoou-se nas artes plásticas e iniciou seus trabalhos com ênfase na relação da obra com o espectador, misturavam uma nova visão referente ao olfato, paladar, tato, audição. Ainda nos anos 60, o artista se dedicou mais à cultura popular e às manifestações carnavalescas. Pode-se destacar entre outros trabalhos o "Parangolé", que ele chamava de "antiarte por excelência". O *Parangolé* é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos, textos e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Segundo Marcos Silva:

Interagir não é assistir. O Parangolé rompe com o modelo comunicacional baseado na transmissão. Ele é pura proposição à participação ativa do "espectador" - termo que se torna inadequado, obsoleto. Trata-se de participação sensório-corporal e semântica e não de participação mecânica. Oiticica quer a intervenção física na obra de arte e não apenas contemplação imaginal separada da proposição. O fruidor da arte é solicitado à "completação" dos significados propostos no parangolé. E as proposições são abertas, o que significa convite à co-criação da obra. O indivíduo veste o parangolé que pode ser uma capa feita com camadas de panos coloridos que se revelam à medida que ele se movimenta correndo ou dançando. (SILVA, 2000).

A interação física é um aspecto fundamental em vários trabalhos dos artistas Lygia Clark, Hélio Oiticica e Ernesto Neto. O espectador é convidado a participar ativamente, cheirando, tocando ou adentrando o espaço da obra. Essas relações do espectador com o objeto convidam a uma experiência física e visual.

O objeto relacional não tem especificidade em si. Como seu próprio nome indica é na relação estabelecida com a fantasia do sujeito que ele se define. (...). “Ele é alvo da carga afetiva e passional do sujeito, na medida, em que o sujeito lhe empresta significado, perdendo a condição de simples objeto para, impregnado, ser vivido como parte viva do sujeito” (CLARK, 1980, p. 49).

De acordo com (TAGUSAGAWA, 2009), em seus trabalhos, Ernesto Neto busca meios nos quais materiais, como tecidos naturais ou sintéticos, que permitem extrair das pessoas expressões e respostas quando em contato com produções, que, além do tato, permitem o estímulo de outros órgãos sensoriais como o olfato e a visão, em função do uso de especiarias cujos aromas despertam estímulos diferentes, cores variadas e esculturas que levam a alusões ao corpo humano devido ao revestimento com tecidos, dando a sensação de contato com a pele. Todos esses experimentos levam a uma nova forma de expressão da arte sensorial, importante para se determinar como o artista extrai respostas variadas daqueles que tem contato com seus trabalhos.

## **2.2. Fundamentos e Estratégias**

O universo da Arte é extenso e ampara formas de linguagens. De acordo com os Parâmetros curriculares Nacionais de Arte, são vários os conhecimentos a serem construídos nesta área.

No presente trabalho, há um destaque para as artes visuais com ênfase na arte sensorial é por entender-se que é uma linguagem de organização, ordenação e construção além da expressão estética.

Segundo (YIN, 2005), a metodologia se presta para pesquisas que procuram respostas a perguntas do tipo “como” e “por que”, quando a ênfase se encontra em fenômenos inseridos em algum contexto da vida real.

A abordagem utilizada no presente estudo é qualitativa. Segundo (MARCONI E LAKATOS, 2004), a abordagem qualitativa visa interpretar aspectos profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano.

Considerando os objetivos específicos apresentados, essa pesquisa caracteriza-se como descritiva. A pesquisa descritiva permite ao pesquisador apresentar o objetivo da pesquisa, investigar a constância com que o fenômeno ocorre, observar sua natureza, características, causas, relações e vinculações com outro fenômeno sem causar interferências (BARROS E LEHRFED, 2000).

Neste estudo, o universo ou população no qual a pesquisa foi desenvolvida corresponde a 6 (seis) escolas dentro do Município de Itabira, MG.

Na definição da amostra deste estudo, contemplou-se a Escola Estadual Mestre Zeca Amâncio(EEMZA; Itabira – MG).

De acordo com (GIL, 2002), no momento da determinação de uma amostra, a adoção de critérios rigorosos, para a sua seleção, faz com que os resultados obtidos possam se aproximar significativamente dos resultados, que seriam obtidos caso todo o universo fosse pesquisado.

O método de pesquisa utilizada é a pesquisa de campo, que consiste na observação dos fatos tal como ocorrem, permitindo ao pesquisador perceber e estudar as relações estabelecidas.

As informações coletadas foram analisadas à luz das teorias de Ana Mae Barbosa e Roberta Puccetti, entre outros, e trabalhos dos artistas contemporâneos Lygia Clark, Hélio Oiticica, Ernesto Neto.

Para a apresentação das obras dos artistas referenciados utilizou-se uma mostra de imagens, através de Power Point, assim como a construção de objetos relacionais e sensoriais, disponibilizado aos participantes da pesquisa no momento de sua realização.

Todas as etapas foram registradas através de fotografias, relatos escritos e outros. E por fim uma análise de todo o processo percorrido a partir desta pesquisa. Foram feitas leituras em literatura atualizada, acerca de textos acadêmicos que tratam das conceituações, concepções metodológicas, aplicadas no Ensino de artes visuais.

Faz parte da história da educação especial privilegiar em sua prática pedagógica o fazer manual em detrimento do intelectual, visando exclusivamente tarefas simplificadas. Com isso, reduz-se este indivíduo ao fazer simplesmente. O acesso ao saber historicamente construído, negado a esses indivíduos, reduz de forma substancial a chance do exercício do pensamento, essencial para o estabelecimento de suas relações com o mundo. Essa prática determina a sua “estagnação mental” e “se suas asas pareciam curtas para voar, nessa perspectiva parecem se encurtar ainda mais” (Tomasini 1994, p.93).

Parte do interesse em fazer essa experimentação partiu das infinitas possibilidades que a arte sensorial pode proporcionar aos alunos que, de alguma forma, são privados de algum sentido e/ou de quase todos, como exemplo, os que têm Deficiência Múltipla, que se caracteriza pela associação de várias deficiências, e em função disso lhe são negadas as oportunidades de acesso até aos conhecimentos possíveis.

Baseando-se na fala de Ana Mae Barbosa de que “Basta que o cérebro funcione, basta não estar em estado de coma para ser possível estabelecer alguma ligação com a Arte ou através dela”, fez-se uma experiência com objetos sensoriais construídos pelo professor junto com os alunos e inseridos nesta sala, denominada sala de recursos com a intenção de que os alunos possam vivenciar a arte.

No capítulo seguinte, abordar-se-á a aplicação da metodologia proposta e uma análise das observações e dados coletados.



### **3. EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS E METODOLÓGICAS**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Mestre Zeca Amâncio, localizada no Município de Itabira – MG, que atende alunos dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Médio. E conta com uma sala denominada “Sala de Recursos” onde são realizados os Atendimentos Educacionais Especializados. Apesar de contar com um número maior de matrículas, este atendimento não é caracterizado como obrigatório, a frequência é muito reduzida.

Este modelo de atendimento é muito recente na cidade e nesta escola funciona há apenas 1 ano. Começou a funcionar de forma bem precária em julho de 2012, com poucos recursos, pois os mesmos só vão sendo disponibilizados de acordo com a necessidade e a demanda repassada para o MEC através de relatórios.

O público-alvo da pesquisa são os alunos que frequentam a “Sala de Recurso” para o AEE. A matrícula destes alunos é denominada rematricula, pois os mesmos já possuem uma matrícula no turno designado para a série que está cursando. Nesta sala, estão matriculados 8 alunos e participaram da pesquisa 3 que são os mais frequentes, sendo que os três alunos apresentam diagnóstico de Deficiência Intelectual, todos cursando o 6º ano do ensino fundamental com idades que variam de 12 a 15 anos.

#### **3.1. Ver para aprender**

O processo apresentado neste trabalho destaca a relação teoria e prática, visando inovar e praticar uma atividade educativa que propõe a inclusão. Para melhor entendimento, demonstram-se algumas sequências vivenciadas com o objetivo de amparar os referenciais que propõem a introdução de mudanças significativas, numa

ação incorporada de expectativas e desafios. Para que os alunos do AEE pudessem ter uma aproximação com a arte sensorial/relacional, foram apresentadas por meio de Power Point algumas obras dos artistas referenciados e que embasaram esta pesquisa, como Ligia Clark, Hélio Oiticica, Ernesto Neto.

Na sequência, os alunos tiveram a oportunidade de participar como espectadores de algumas “obras” em formato de intervenções que aconteceram dentro do espaço da Escola Estadual Mestre Zeca Amâncio e no espaço urbano perto desta mesma escola.

Segundo o Professor Gilmar Pereira Batista (Língua Portuguesa e Literatura da terceira série do Ensino Médio), idealizador deste projeto, “Este trabalho, denominado como Performance ou Intervenção Urbana, faz parte do Projeto Modernidade e Modernismo, elaborado para a terceira série do Ensino Médio da Escola Estadual Mestre Zeca Amâncio (Itabira-MG).

Este projeto, que vincula relações entre História, Sociologia e Literatura, acontece durante todo o ano letivo. No caso desse trabalho, os alunos deveriam elaborar uma intervenção urbana em que, de alguma forma, o público pudesse perceber a crítica feita sobre os problemas da Modernidade, como manipulação da mídia, da moda, alienação, exploração do sistema capitalista, reificação do homem e glorificação da mercadoria, etc.

É evidente que previamente os alunos tiveram a oportunidade de saber mais sobre as características de uma performance, seus elementos constitutivos, seu objetivo, etc. Cada grupo elaborou duas intervenções, apresentou a sua descrição minuciosa ao professor e, após a aprovação, executou.



*Imagem 1- Intervenção urbana – Alunos da EEMZA – Trabalho realizado sob a coordenação do Professor Gilmar Pereira Batista.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.*

Sobre a participação, como espectadores, dos alunos do AEE (Atendimento Educacional Especializado), criou-se uma expectativa muito interessante para os alunos que demonstraram curiosidade pelo assunto, tornando assim esta abordagem significativa para a introdução do tema “Arte sensorial/relacional” que foi aplicado na sala de recurso.

Esta experiência veio de encontro com expectativas que foram criadas em torno da proposta de trabalho que havia sido planejada. Através desta mostra, puderam-se ampliar as possibilidades de se fazer entender, pois o público com o qual trabalhamos depende de abordagens que realmente o inspire e lhe despertem. Às vezes, precisamos utilizar várias estratégias para assimilação de um único conteúdo.

### **3.2. Construções dos Objetos/ Participação dos alunos**

O tapete sensorial foi construído como material didático para a disciplina de Laboratório de Ensino de Artes Visuais pelas alunas Marisa Santos Nepomuceno e Liliam Aparecida Fernandes Franca, e foi levado para a “Sala de Recursos” para ficar

exposto. Os alunos manifestaram o desejo de ter um igual na sala de aula, mas o tapete não poderia ficar ali, pois o mesmo havia sido doado para uma sala de autistas da APAE de Itabira. Foi perguntado se eles queriam construir um e eles disseram que sim. Em função do interesse dos alunos, foi construído como objeto sensorial para a experimentação dos alunos do AEE.

Para a confecção do tapete foram disponibilizados todos os materiais necessários. Folhas de E.V.A de cores variadas, lápis, cola quente, tesoura, tampinhas de garrafa, tampas plásticas, plástico bolha, espuma, lixa, conchinhas, isopor, jornal enrolado, canudinhos, rodinhas de madeira, bucha vegetal e, como suporte, foi utilizado um pedaço de lona com dimensões: 1,40cmx 1,60cm. O espaço físico utilizado foi a sala de aula (sala de recurso).

Os alunos foram convidados a confeccionar um tapete muito especial para a sala de aula. A participação dos alunos foi alvo de curiosidade até para os pais, que queriam saber o que estava causando tanto interesse nas aulas, pois, se antes não demonstravam interesse em ir para a aula, porque agora não queriam perder nenhum atendimento?



Imagem 2 – confecção do tapete – colagem de materiais com texturas diversas.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.



Imagem 3 –Montagem do tapete- disposição das peças que compõem o mesmo para início de experiências sensoriais.  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

As imagens 4 e 5, mostram a experimentação de um tapete sensorial, inspirado nas obras dos artistas Ernesto Neto e Ligia Clark. Os alunos participaram da execução com muito entusiasmo e fizeram a experimentação, relatando as experiências vividas em contato com o objeto.



*Imagem 4 – Experimentando: Andando de olhos vendados*  
Fonte: Acervo pessoal da autora.



*Imagem 5 – Experimentando: Andando em espiral*  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

### **3.3. Experienciando Arte**

Essa exploração ocorreu de diferentes formas: caminhando com os pés descalços de maneira lenta ou rápida; apalpar; apalpar com os olhos vendados; caminhar em forma de espiral com um pé na frente e o outro atrás.

No decorrer das experimentações, foram utilizados os nomes das partes do corpo que estavam em contato com os diferentes materiais do tapete: pés, sola dos pés, mãos. Da mesma forma, aproveitaram-se as diferentes formas de deslocamento para que identificassem a textura dos materiais.

O modelo foi sugerido pelos alunos e isso já caracteriza uma mudança significativa de comportamento em se tratando de deficientes intelectuais, já que o usual é demonstrar uma certa apatia em relação a sugestões. Outro ponto observado foi a vontade manifestada por eles em fazer a atividade em conjunto, representando uma

evolução no grau de interação, além de ter acontecido uma participação mais ativa. Por fim, houve a presença deles em todos os atendimentos, já que a infrequência é característica deste público.

Trabalhar com os sentidos é muito interessante. O contato com texturas, cores, formas e materiais diversos desenvolve e aprimora a percepção das pessoas acerca de suas habilidades sensoriais e sua relação com o mundo, além de ampliar o repertório de imagens, elementos, vocabulário, entre outros.

Baseando-se na fala do Professor Geraldo Loyola que ministrou a disciplina de laboratório do CEEAV, seguiu-se a orientação de que o professor tem autonomia para criar. Foi criado pela autora um material didático denominado bolsas de gel.



*Imagem 6 – Alunos enchendo as bolsas plásticas com material escolhido.*

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Para fazer as bolsas de Gel foram utilizados plásticos (Zip loc) e para preenchimento alguns materiais como creme dental, tinta, gel, tinta para pincel, entre outros, que proporcionaram várias formas e significações ao serem manipuladas



*Imagem 7 – Alunos experimentam o material “desenhando” com os dedos*  
Fonte: Acervo pessoal da autora.



*Imagem 8 – Observando os efeitos*  
Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao fim da atividade, os alunos relataram suas experiências. Uma aluna ficou por um longo período manuseando o material, e criando formas, afirmou ter gostado muito da experiência e pediu para levar a atividade para casa. Outro aluno, também, revelou ter gostado da atividade relacionando as imagens formadas pelo gel com o céu, o mar, e bichos.

### **Análise de dados**

Os autores (BAPTISTA; BARCELLOS; BRITTO, 2011.p. 1) defendem que o trabalho com artes sensoriais consiste na exploração livre e dirigida de espaços e objetos projetados para este fim, favorecendo a experiência de um ambiente transformável no momento presente, através de diferentes estímulos provenientes do contato com objetos dos mais diversos. Dessa forma, foi comprovado que, através dos trabalhos desenvolvidos, os alunos puderam ter contato com várias texturas ao longo do trabalho.

Alguns objetos ao serem manuseados produziam sonoridade. Outros mudavam sua forma ao serem tocados como plástico-bolha e espuma. A cada sensação experimentada, a curiosidade surgia para eles. Às vezes, sugeriam outras possibilidades com o material.

A arte no AEE não deve funcionar como reforço e sim de forma complementar e/ou suplementar, atuando como um facilitador com vista à autonomia do indivíduo dentro e fora do espaço escolar, e é exatamente onde a proposta foi incorporada, na tentativa de ampliar a visão dos alunos em relação ao seu autoconhecimento e ao conhecimento de mundo.

De acordo com Ana Mae, o Movimento de Arte para a Recuperação Social vem demonstrando a necessidade da Arte para todos os seres humanos, por mais desumanas que tenham sido as condições que a vida impôs a alguém.

*“Basta que o cérebro funcione, basta não estar em estado de coma para ser possível estabelecer alguma ligação com a Arte ou através dela. Assim sendo, o ensino da arte, no contexto da inclusão, apresenta possibilidades para que todos os alunos vivenciem diferentes expressões, que contribuirão na construção do conhecimento”.* (BARBOSA, 2008, p. 01).



## CONCLUSÃO

Na realidade da rotina de uma escola, nem sempre é garantida uma oportunidade de aprendizagem; apesar do esforço pedagógico, são percebidos os descréditos da comunidade escolar, arraigada de conceitos antigos. Fato que não impossibilita, mas reprime uma prática inovadora, que acaba por se transformar em desafio.

Neste trabalho, não foi nossa intenção apresentar resultados, mas sim, promover uma reflexão a respeito das possibilidades a serem desenvolvidas no AEE. Nesta perspectiva, a arte sensorial/relacional deve ser defendida neste modelo de atendimento, pelas suas inúmeras contribuições para o ensino de arte e por se caracterizar em uma forma de aprendizagem. Uma atividade aplicada com base em uma postura educativa compromissada com os desafios do possível e com a convicção de que nossos alunos podem de fato se constituir em cidadãos dignos e atuantes.

Outro ponto importante foi observado quando os alunos experimentaram criar, modificar, construir, tornando-se o coautor da obra, ou seja, sua participação ativa, que muito o engrandece e estimula. Se a intervenção acontece de forma natural, espontânea, existe uma grande possibilidade de significações livres e plurais e, se esse interventor (professor) não perder de vista a coerência com sua opção crítica embutida na proposição, coloca-se aberto a ampliações, a modificações vindas da parte dos alunos. Sendo assim, é possível concluir, que há possibilidades de se vislumbrar alternativas para os caminhos sempre inconclusos do aprender.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. ***A Imagem no Ensino da Arte***. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S., ***Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica***. 2. ed. São Paulo: Pearson Education, 2000.

BIANCHETTI, Lucídio e FREIRE, Ida Mara (Orgs.) ***UM OLHAR SOBRE A DIFERENÇA – Interação, trabalho e cidadania*** – Editora Papirus, Campinas- SP, 1998 (Série Educação Especial).

COLL, César. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesús. ***Desenvolvimento psicológico e educação 3: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais***. Editora: artmed, reimpressão 2010, 2ª edição.

SILUK, Ana Cláudia Pavão. Formação de professores para o atendimento educacional especializado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011, 350p.:Il; 21cm

GIL, A. C. ***Como elaborar projetos de pesquisa***. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNG, C.F. ***Metodologia para pesquisa & desenvolvimento: aplicada a novas tecnologias, produtos e processos***. Rio de Janeiro: Axcellbooks, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.. ***Metodologia científica***. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MEUCCI, A. ***Ensaio sobre uma revisão crítica da história da arte***. E. USP. São Paulo. v. 2. n. 12. p. 68-72. 2004.

MILLET, M. A. ***Lygia Clark: obra-trajeto***. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

OSBORNE, Harold. ***Estética e Teoria da Arte***, Tradução de Octávio Mendes Cajado, Editora: Cultrix, São Paulo.

SILVA, E. M. A. ***Arte como conhecimento***: as concepções de ensino de arte na formação continuada dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de Recife. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

TAGUSAGAWA, S. N. ***Articulações: poéticas do corpo: a experiência do corpo expressada através da cerâmica***. São Paulo. Dissertação (Mestrado Artes plásticas) – Universidade de São Paulo, 2009.

YIN, R. K. ***Estudo de Caso: planejamento e métodos***. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZANINI, W. ***História da arte geral no Brasil***. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1983.

## **Sites**

### ***Abordagens para o ensino de Artes***

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36804/000818422.pdf?sequence=1>

Acesso em 22/05/2013

BAPTISTA, A.L. BARCELLOS, E; BRITTO, S. ***Artes sensoriais***. 2011. Disponível em <http://www.incorporarte.psc.br/sys/index.php?option=content&task=view&id=1>. Acesso em: 22 ago. 2013.

**DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011**. Disponível em: [http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed\\_art\\_m1d2.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf)

Acesso em 19/05/2013.

FRADE, I. **Arte viva na via UERJ Mangueira**: modelagem de corpos e lugares de convivência. 2006 Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2012/PDS/simposio3/isabela\\_frade.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2012/PDS/simposio3/isabela_frade.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2013.

<http://www.incorporarte.psc.br/sys/index.php?option=content&task=view&id=1>

Acesso em 25/05/2013.

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm).

Acesso em 25/05/2013.

Revista do Centro de Educação - Cadernos::edição 2005 nº 25. Disponível em:<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2005/01/a10.htm>. Acesso em 25/05/2013.

Revista Latino-Americana de História, Vol. 1, nº. 2 – Fevereiro de 2012 Edição Especial – Sensibilidades © by RLAH. Disponível em:  
<http://projeto.unisinus.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/47/36>

Acesso em 18/05/2013.

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/viewFile/1625/1314>

Acesso em 21/05/2013.

[www.revistanovaescola.org.br](http://www.revistanovaescola.org.br)[http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed\\_art\\_m1d2.pdf](http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf)visitada em: 20/05/2013.

<http://pt.scribd.com/doc/2367267/DA-SILVA-MENEZES-2001-Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao>. Acesso em 20/05/2013.

<http://www.saladeaulainterativa.pro.br/>. Acesso em 02/11/2013.

## **ANEXOS**

### **Planejamento para confecção e exploração dos objetos sensoriais**

#### **Apresentação**

Tapete Sensorial: Andando na Linha

Dimensões: 1,40 cm x 1,60cm

Bolsas de Gel

#### **Justificativa**

Artes sensoriais consiste na exploração livre e dirigida de espaços e objetos projetados para esse fim.

Trabalhar com os sentidos é muito interessante. O contato com texturas, cores, formas e materiais diversos desenvolve e aprimora a percepção das crianças acerca de suas habilidades sensoriais e sua relação com o mundo, além de ampliar o repertório de imagens, elementos, vocabulário, entre outros.

#### **Público**

Alunos do AEE

#### **Objetivos**

- Proporcionar experimentações através da percepção;
- desenvolver vários conceitos por meio de toque de diferentes texturas e cores;
- confeccionar um tapete que servirá para compor o ambiente da sala de aula;
- participar e se interessar por situações que envolva um com o outro, favorecendo sua relação com o mundo.
- ampliar o repertório de imagens, elementos.

#### **Conteúdo**

Conhecimento de mundo:

- Ampliar o repertório de imagens, elementos.

Expressividade:

- Reconhecimento progressivo de segmentos e elementos do próprio corpo por meio da exploração, das brincadeiras e da interação com os outros
- .
- Expressão de sensações.

O tapete ou painel sensorial é um recurso pedagógico que contempla todos estes objetivos, e pode ser utilizado de diversas formas, dependendo da criatividade do professor.

As bolsas de gel contempla os objetivos propostos para este experimento

## **Metodologia**

1. Disponibilizar todos os materiais e convidar os alunos a construir os objetos sensoriais
2. Favorecer a exploração dos materiais pelos alunos: plástico bolha, espuma, lixa, tecido, tampinha de garrafa, bolsinha de gel, sementes, pauzinho de picolé, milho, EVA. Plásticos Zip loc, pasta de dente, tintas, gel, outras substâncias que possam ser utilizadas para criar efeitos dentro das bolsas.
3. Organizar os alunos para experimentação, assim, cada um terá a sua oportunidade para exploração dos objetos.

Essa exploração pode ocorrer de diferentes formas: caminhando com os pés descalços de maneira lenta ou rápida; apalpar; apalpar com os olhos vendados; em duplas de colegas – um deles de olhos fechados e o outro conduzindo de mãos dadas, caminhar em forma de espiral com um pé na frente e o outro atrás.

No decorrer das experimentações, utilizar os nomes das partes do corpo que estão em contato com os diferentes materiais do tapete: pés, sola dos pés, mãos.

Da mesma forma, aproveitar as diferentes formas de deslocamento para que identifiquem quais materiais são mais macios, quais são mais ásperos, quais são duros e quais são moles.

**Instrumentos necessários:**

O espaço físico a ser utilizado será a sala de aula, já de posse dos materiais será confeccionado o tapete com os seguintes materiais: pedaço de napa, de 1,40cm x 1,60cm, palmilhas de calçados diversas, lixa, espuma, bucha vegetal, papel corrugado, plástico bolha, tampinha de garrafa, bolinha de isopor, sementes, pauzinho de picolé.

**Tempo:** para o planejamento 2 aulas, mais uma aula para a execução, como o tapete irá compor o ambiente da sala de aula sua utilização será sempre que se fizer necessário.

Para as bolsas de gel 2 aulas e mais duas aulas para experimentação.